



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## PERCEPÇÃO DOS TRABALHADORES DE UMA UNIDADE DE SAÚDE DO ESTADO DA BAHIA, SOBRE A VIOLÊNCIA NO TRABALHO

Wéltima Teixeira Cunha\*  
(UESB)

### RESUMO

A violência é um fenômeno histórico, que foi legitimado na constituição da sociedade brasileira, a exemplo da escravidão de índios e mão de obra africana, a colonização mercantilista, o coronelismo, as oligarquias antes e depois da independência, somados com um Estado, caracterizado pelo autoritarismo burocrático. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, realizada em uma unidade de saúde, vinculada à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. Seu quadro de servidores é formado, aproximadamente, por cento e cinquenta (150) trabalhadores de ambos os sexos. Por meio das respostas e manifestações observadas em cada entrevistada foi possível notar as falas, que emergiram com certa frequência e que indicaram as situações de violência no trabalho.

**PALAVRA-CHAVE:** Percepção. Violência. Trabalhadores.

### INTRODUÇÃO

Nos últimos anos a violência no trabalho vem sendo debatida apenas no âmbito das empresas privadas, por essa razão, é oportuno que essa temática seja também debatida no âmbito das instituições públicas. Nesse sentido, este estudo preliminar se propõe compreender a percepção dos trabalhadores sobre formas existentes de violência no ambiente trabalho, contra a mulher, de uma unidade pública de saúde do estado da Bahia, visa, também, levantar informações que possam confirmar e evidenciar a existência de situações demonstrativas em que as trabalhadoras estão expostas.

A violência, do ponto de vista da sociologia, é um produto da sociedade, de qualquer sociedade, em qualquer época. Nesse sentido, enquanto fato sociológico,

---

\* Mestre em Educação e Mestre em Saúde, Ambiente e Trabalho. Professora do IFBA-Vitória da Conquista-Ba.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ela não pode ser considerada como um comportamento inato do homem, todavia como um fenômeno histórico e social, resultante da socialização das pessoas em determinados espaços sociais e culturais. Assim sendo, a violência é um fenômeno social, e os atos para serem considerados violentos ou não violentos, variam de cultura para cultura, de período histórico para período histórico (ADORNO, 2003, p. 299-342; ELIAS, 1994, p.13-20; ADORNO, 1993 p.77-84).

Os autores consideram ainda a grande contribuição da sociologia e afirma que a violência oriunda das relações sociais, da interação entre indivíduos e coletividades sociais, contribui para o desvelamento e a compreensão da intersubjetividade que envolve a contemporaneidade.

Ainda segundo os autores, a sociologia explica que a violência se manifesta através de três níveis: o nível macro que trata das condições gerais, a estrutura e a cultura; o nível micro é o nível psicológico ou das motivações, os indivíduos e as interações; e o nível intermediário dá visibilidade ao funcionamento dos grupos e as instituições, as interações estabilizadas em que os indivíduos estão conectados.

Para Michaud (1989, p. 10-12 e 119), a violência se estabelece quando em uma situação de interação, uma ou mais pessoas agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou mais pessoas em graus variáveis, atingido sua integridade física e ou moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais, ou seja, em várias dimensões de sua existência.

De acordo com Chesnais, (1981, p.18), a violência extrapola a força física, cuja ação direta, corporal, contra as pessoas, cuja vida, saúde e integridade corporal ou liberdade individual está em jogo.

Santos, (1993, p. 22-24) compreende que existem tipos de violência, dentre eles destacam-se a violência política e do Estado: situa-se aqui a violência dirigida pelo Estado ou contra o Estado, evidenciadas em ditaduras, movimentos revolucionários, terrorismos, guerrilhas; violência costumeira ou difusa enquanto



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

relação de estranhamento e esgarçamento das relações sociais, com descumprimento das regras de sociabilidade: trata-se da violência cotidiana ou ordinária, do crime doméstico; violência simbólica exercida através dos diversos discursos que negam o lugar do outro: o discurso da “competência” veiculado no meio acadêmico e nas escolas, que exclui os outros saberes, especialmente os das classes populares; violência como negação da condição humana e restrição dos direitos do cidadão, evidenciada em situações como a fome, a miséria, a exclusão social e política.

Pierre Bourdieu, (1996, p. 104) conceitua violência simbólica como uma forma de coação, é uma imposição determinada, seja esta econômica, social ou simbólica. Esse tipo de violência se fundamenta em crenças que compoem o processo de socialização, tem a finalidade de induzir o indivíduo a se posicionar no espaço social, seguindo critérios e padrões do discurso dominante. Devido a este conhecimento do discurso dominante, a violência simbólica é manifestação deste conhecimento através do reconhecimento da legitimidade deste discurso dominante. Nesse sentido, a violência simbólica é o meio de exercício do poder simbólico.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define violência como a imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis, cometida por uma pessoa contra outra. No entanto, observa-se que o conceito é bem mais amplo, em razão das várias formas e manifestações existentes de violência e seus efeitos envolvendo: guerra, fome, tortura, assassinato, preconceito, a violência se manifesta de várias maneiras.

É importante ressaltar que segundo Misse (1999, p. 10-38), a categoria violência na contemporaneidade, possui múltiplos significados. Nesse sentido não se deve usar o termo no singular, porque não existe violência, mas violências, múltiplas, plurais, em diferentes graus de visibilidade, de abstração e de definição do que lhe pertinente.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A comunidade internacional de direitos humanos compreende a violência como todas as violações dos direitos civis: vida, propriedade, liberdade de ir e vir, de consciência e de culto; políticos: direito a votar e a ser votado, ter participação política; sociais: habitação, saúde, educação, segurança; econômicos: emprego e salário; culturais: direito de manter e manifestar sua própria cultura. As formas de violência, tipificadas como violação da lei penal, como assassinato, sequestros, roubos e outros tipos de crime contra a pessoa ou contra o patrimônio, formam um conjunto que se convencionou chamar de violência urbana, porque se manifesta principalmente no espaço das grandes cidades. E também aquelas diferentes formas de violência existentes na área rural.

A violência é um fenômeno histórico, que foi legitimado na constituição da sociedade brasileira, a exemplo da escravidão de índios e mão de obra africana, a colonização mercantilista, o coronelismo, as oligarquias antes e depois da independência, somados com um Estado caracterizado pelo autoritarismo burocrático.

Alguns estudiosos da temática destacam dois tipos de violência: a estrutural e sistêmica e a doméstica. A primeira, de acordo com Minayo, (1998, p. 87-116-513-531; 1994, p. 7-18) caracteriza-se pelo destaque na atuação das classes, grupos ou nações econômica ou politicamente dominantes, que se utilizam e se sustentam de leis e instituições para manter sua situação privilegiada, como se isso fosse um direito natural.

Para a Organização Mundial de Saúde, o próximo século será marcado pelo crescimento das doenças psicológicas no ambiente de trabalho. Isso poderá ser constatado com os afastamentos de trabalhadoras, devido ao impacto do estresse e da síndrome do Burnout oriundos de um mundo do trabalho em crise. (CALVO, 2004 p. 2-3).

É importante salientar que a Professora Lydia Guevara Ramírez - secretária da Diretoria Nacional Sociedade Cubana de Direito do Trabalho e Seguridade Social



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

afirma: "A última década do século XX e os inícios do século XXI se caracterizam pela notável influência da violência psicológica e os estragos causados na saúde emocional na comunidade e nos lugares de estudo e de trabalho".

Outro tipo de violência, é o assédio moral e sexual nas relações de trabalho, ocorrem nas esferas pública e privada. Essa prática violenta reforça a discriminação, a manutenção da degradação das relações de trabalho e a exclusão social. (CALVO, 2004, p. 3)

Considera-se como assédio moral os atos cruéis e desumanos que configuram em atitude violenta e sem ética, nas relações de trabalho; essa prática pode partir de um ou mais chefes contra seus subordinados. Trata-se da exposição de todos os trabalhadores às situações vexatórias, constrangedoras e humilhantes durante o cotidiano do trabalho. É também denominada de violência moral. Esses atos visam humilhar, desqualificar e desestabilizar emocionalmente a relação da vítima com a organização e o ambiente de trabalho, sendo considerado um risco invisível, porém concreto, à saúde — causando desordens emocionais e mentais — a própria vida da vítima —, quando atinge a dignidade e identidade da pessoa humana, altera valores e pode levar à morte —, e quanto ao seu emprego — desmotiva e o leva apatia.

Segundo o relatório preliminar de pesquisa Violência no Trabalho no Setor Saúde – Rio de Janeiro, 2002, A produção acadêmica sobre violência no ambiente de trabalho, setor saúde pode ser considerada escassa, considerando as bases de dados consultadas. Pode-se ainda afirmar que os estudos nessa área são escassos.

A problemática em questão, constatada nas unidades de saúde do Rio de Janeiro e São Paulo tentou compreender os determinantes da violência, incluindo os profissionais de saúde, e sugeriram algumas medidas de caráter imediato.

O campo de pesquisa de Skaba (1997, p.135) foi um hospital municipal público na cidade do Rio de Janeiro, tendo como estrutura teórica, os conceitos de processo de trabalho, sofrimento no trabalho e violência social.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Em se tratando da situação dos profissionais de saúde enquanto vítimas da violência no local de trabalho, a autora destaca as angústias relacionadas a conflitos éticos e morais no trabalho. Além disso, aponta o aumento de demissões voluntárias nos anos recentes devido à insegurança e aos baixos salários destes profissionais.

A pesquisa realizada por Deslandes (2000, p. 236), mesmo não estando centrada na violência contra os profissionais de saúde, mas sobre a inserção destes profissionais nos serviços de saúde pode reproduzir a violência social. Nos dois hospitais estudados, foi identificada em todos os profissionais uma experiência recente de conflitos, ameaças e/ou agressões físicas envolvendo profissionais, pacientes e familiares.

Ainda segundo a pesquisadora, os sindicatos de trabalhadores da saúde, do Rio de Janeiro, não oferece mecanismos antiviolência, para proteger os servidores. Alguns informaram que quando a acusação envolve um colega da mesma categoria profissional do que o ofendido, a pessoa é solicitada a abrir um processo contra o agressor no conselho que supervisiona o exercício profissional, todavia, quando o agressor é de categoria diferente o processo é mais complicado e quando o agressor é um paciente algumas outras ações sugerem impetrar o processo criminal, que raramente o agressor é punido. Sabe-se que não há reflexão sistemática sobre violência nos sindicatos no Rio de Janeiro, exceto o sindicato dos médicos que tem tentado influenciar o governo do estado a tomar a decisão de não permitir que detentos permaneçam longos períodos em enfermarias de hospitais públicos.

Observa-se nessa pesquisa que a atitude do sindicato não é preventiva. Ele se manifesta quando o ato já foi consumado.

A violência, na compreensão de Leocádio (2012, p. 50-75) pode ser considerada um ato desprovido de humanidade, porque a imposição feita a outra pessoa, deixa-a na condição de objeto. O sujeito desta ação também se desumaniza,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

pois para ser humano é imprescindível tornar-se humano. Humanizar-se é um eterno vir a ser, que nos obriga a buscar uma constante atualização no agir e em cada relação que se estabelece. A autora afirma que, o processo de humanização é considerado uma via de mão dupla.

Vale destacar que na unidade de saúde, campo da pesquisa, a preocupação em estudar alguns aspectos da violência na população em geral, através do observatório da violência, no entanto, não tem mostrado interesse com a violência presente no cotidiano do ambiente de trabalho, conseqüentemente, não existem estratégias institucionais que ofereçam suporte a vitima, sobretudo, no controle e combate à violência ocupacional.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, sua principal característica é ser fonte direta dos dados ou informações necessárias para esclarecimento do objeto de investigação que está presente no contexto onde ele deve ser compreendido. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 15-80; GOLDENBERG, 1998, p. 37-113; BECKER 1997, p. 178).

A pesquisa foi realizada em uma unidade de saúde, vinculada à Secretaria de Saúde do Estado da Bahia. Seu quadro de servidores é formado de aproximadamente, cento e cinquenta (150) trabalhadores, sendo que mais de cem (100) são trabalhadoras; com grau de escolaridade médio e superior. Estão distribuídos em quatro coordenações, dentre elas administrativa, atenção à saúde, de vigilância de ambiente e processo de trabalho. Foi entrevistado um total de cinquenta (50) sujeitos, destes trinta e nove (39) mulheres e onze (11) homens. Participaram voluntariamente, após terem sido informados sobre o objetivo da pesquisa, e que os seus nomes seriam preservados. Todos eles têm no mínimo cinco anos de tempo de serviço, todos já testemunharam situações de violência



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

com algum colega, e um número considerável já foi vítima de violências ocorridas no ambiente de trabalho. Utilizou-se um roteiro de entrevistas contendo apenas três perguntas: Você acredita que o ambiente de trabalho causa violência na mulher trabalhadora? O que você considera violência no trabalho? Você já presenciou ou já foi vítima de violência no trabalho? Após o resultado, observou-se a necessidade abordar mais duas perguntas: Você alguma vez já denunciou? Por que teve essa atitude?

Em seguida, realizou-se a análise e interpretação dos conteúdos das falas, segundo orientação de (BARDIN, 2008, p. 121-128).

Para esta autora, o objetivo da análise de conteúdo é trabalhar as falas e suas significações/conteúdos, manifestados por cada indivíduo, buscando outras realidades através das mensagens.

Já na terceira fase, o resultado bruto foi submetido a tratamento, para que se tornasse resultado significativo e válido, e daí, buscou-se a inferência e a interpretação (BARDIN, 2008, p. 27-28).

Pretendeu-se sistematizar algumas informações sobre a realidade de violência vivida pelas trabalhadoras da unidade pública de saúde, que pudessem constituir como fontes essenciais, para se pensar em pesquisas futuras mais abrangentes e que permitam compreender também como se dá a interferência da violência, no cotidiano dessa unidade de saúde, possibilitando mudanças concretas nas relações de trabalho e poder.

As informações obtidas nos relatos dos sujeitos foram analisadas através da análise de conteúdo proposta por Bardin, de acordo com as três diferentes fases: pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados com a inferência e a interpretação (BARDIN, 2008, p. 121-128; MINAYO, 2000, p. 209-247; 2001, p. 51-64).

Algumas trabalhadoras questionaram: “Se for pergunta desse ambiente, eu não falo”; “Se for para falar desse ambiente, eu não participo”.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Ficou evidente que essas pessoas não se sentem a vontade para falarem do próprio ambiente de trabalho.

Através das respostas e manifestações observadas em cada entrevistada foi possível observar as falas, que emergiram com certa frequência e que indicaram as situações de violência no trabalho, no entanto, causou estranhamento pelo fato de que a maioria das respostas foi exemplificada com situações que ocorreram em outros ambientes de trabalho, e não no ambiente, campo da pesquisa, tais como:

Desrespeito; Tudo que constrange de alguma forma; Discriminação dissimulada; A forma de tratamento; Pressão psicológica; Desprezo; Agressão de diversas formas: verbal e física; Desrespeito duplamente qualificado: antes por ser mulher e posteriormente vincular-se ao trabalho.

As situações de violência manifestadas se distanciam, em quase sua totalidade, da violência vivenciada no cotidiano de trabalho, talvez seja pelo fato de não terem a compreensão do amplo significado da palavra violência.

Pode-se até considerar que a busca por exemplos de outros ambientes de trabalho, configure situações de defesa utilizadas no confronto cotidiano de um ambiente de trabalho que, mesmo sendo a violência visível ou velada, algo subjacente as impedem de manifestarem.

Houve poucas situações, em que os sujeitos entrevistados estavam fora do ambiente de trabalho. Nesse sentido foi possível verificar que as respostas foram expressas com muita liberdade e referiam ao próprio ambiente de trabalho, mesmo ainda, que de forma sutil.

Um número considerável declarou “Já fui vítima de violência em outro ambiente de trabalho”; “Presenciei agressão contra um colega”.

Vale destacar que poucos entrevistados responderam: “nunca presenciaram violência no ambiente de trabalho”.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Acreditando-se na possibilidade de algum impedimento para responderem na medida em que trouxeram exemplos de outro ambiente de trabalho, foi necessário retornar a pesquisa com a inclusão de mais duas perguntas, direcionadas para alguns entrevistados: Denunciou o agressor? Por que?

Não denunciei porque não foi comigo”; Denunciei quando procurei o chefe imediato, mas não houve resultado”; “Não denunciou por receio de ser mal vista”; Não denunciou, mas se aproximou do agressor e o fez pensar sobre sua atitude e quanto o fato prejudicou quem sofreu a violência”; “Nãodenuncio porque temo sofrer represália, transferência de unidade.”; “Não denunciei porque não tive o olhar de violência, mas sim de uma péssima maneira de ser e conviver com as pessoas. Não era uma atitude específica para mulher, era para um ser humano. Não sei se é violência à mulher, mas a qualquer pessoa.

Mesmo com a inclusão de duas perguntas, os sujeitos entrevistados continuaram relatando fatos de violência e posturas que tiveram em outros ambientes de trabalho.

Imagina-se que o ambiente de trabalho dos entrevistados, pode intimidá-los, isso se deve as respostas apoiados em exemplos de fatos ocorridos em outros ambientes de trabalho. Portanto, um ambiente neutro pode ser um local mais apropriado para se fazer entrevistas, principalmente quando as respostas podem ser comprometedoras.

Em momento algum os entrevistados citaram como violência as agressões oriundas de pacientes ou usuários do serviço.

Também, nenhum deles declarou que, em algum momento foi agressor.

Uma característica que Misse (2006, p. 137-300) aponta é em relação ao emprego da palavra violência é como se usa e contra quem se usa essa expressão, ou seja, raramente as pessoas dizem de si mesmo ser violento. É sempre o outro, o violento aquele a quem denominamos a designação.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Um dos entrevistados citou como violência “A diferença salarial entre o homem e a mulher”, indo além da idéia que o senso comum apresenta.

## CONCLUSÕES

Pode-se afirmar, contudo, que as evidências apontam que o ambiente de uma instituição pública é um ambiente de risco, que ameaça a saúde dos trabalhadores, porque a violência já está instalada.

Certamente, esse não é caminho desejado para que o Sistema Único de Saúde (SUS) aconteça: presenciar nas unidades de saúde relação onde exista o clima de todos contra todos, onde cada um se protege contra si mesmo, são levados a construir uma relação cheia de cuidados de medo e de entraves à camaradagem e afeto, predominando a desconfiança, porque o perigo está instalado. Isso não é o desejado e nem podemos afirmar que essa seja uma relação humanizada, como preconiza as Políticas Nacional de Humanização do Ministério da Saúde e não atende os princípios e diretrizes do SUS que estabelece saúde integral; física e mental, para todos e nos ambientes de trabalho, (BRASIL, 1990).

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) defende a garantia do direito do trabalhador ao trabalho decente. Implica que este novo ambiente de trabalho deve respeitar o princípio constitucional da dignidade da pessoa humana, o respeito à cidadania do trabalhador; a intimidade e privacidade no ambiente de trabalho; a garantia da saúde e segurança dos trabalhadores no ambiente de trabalho; o respeito aos valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; a proteção dos direitos fundamentais dos trabalhadores e se houver dano a sua esfera moral com garantia de direito à reparação por danos morais.

Como o resultado apresentado ficou distante do esperado, recomenda-se que o tema violência ocupacional seja mais debatido nos ambientes de trabalho; que os servidores cobrem do sindicato inquéritos administrativos para investigação do problema.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Sérgio. (2003) *A violência na sociedade brasileira: um painel inconcluso em uma democracia não consolidada*. In: *Sociedade e Estado*. Brasília: UnB, v. X (2), p. 299-342. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 08 Mar. 2012.
- \_\_\_\_\_. *Natureza, história e cultura: repensando o social*. Porto Alegre: Editora da Universidade-UFRGS / SBS, 1993. P. 77-84 (Cadernos de Sociologia, Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFRGS, vol. 4, número especial).
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- BECKER, Howards.(1997). *Métodos de pesquisa em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BOGDAN, ROBERT, BIKLEN, SARI. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas- sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papius, 1996.
- BRASIL. *Lei nº 8.080, de 19 de setembro*. Lei Orgânica da Saúde/SUS. Brasília Ministério da Saúde, 1990.
- CALVO, Adriana Carreira (2004). *O assédio moral no ambiente de trabalho*. Universo Jurídico, Juiz de Fora, ano XI, 01 de jul. Disponível em <http://www.saudeetrabalho.com.br/download/assedio-calvo.pdf>. Acesso em: 30 de mar. de 2012
- CHESNAIS, Jean Cloude. *Histoire de la violence: en occident de 1800 à nos jours*. Paris: Éditions Robert Laffont, AS. 1981.
- DESLANDES, Suely Ferreira. *Violência no cotidiano dos serviços de emergência hospitalar:representações, práticas, interações e desafios*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública – Fundação Oswaldo Cruz. 2000. [tese de doutorado].
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador - uma história dos costumes*. RJ: Jorge Zahar, v. I. 1990.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2ª edição. 1998.
- LEOCÁDIO, Elcylene Maria de Araújo. *Violência e direitos humanos*. Disponível em: <<http://www.ipas.org.br/rhamas/violenciadire.html>>. Acesso em: 10 fev. 2012.
- MICHAUD, Yves. *A violência*. São Paulo: Ática. 1989.
- MINAYO, Maria Cecília, e SOUZA, Edinilsa Ramos. de. *Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva*. Hist. Cien. Saúde, nov. 1997-fev. 1998 vol IV, nº 3. 1998.
- \_\_\_\_\_. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec. 2000.
- \_\_\_\_\_. (2001). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

\_\_\_\_\_. *A violência social sob a perspectiva da saúde pública. Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz. 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 08 mar. 2012.

MISS, Michel. (1999). *Malandros, marginais e vagabundos & a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1999. Tese [Doutorado em Sociologia] Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (Iuperj), Rio de Janeiro. 1999.

\_\_\_\_\_. *Crime e violência no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Editora Lúmen Júris. 2006.

OIT (2011). *Organização internacional do trabalho, trabalho decente*. Boletim Informativo - Ano I - Dezembro 2011 - 33ª Edição (Trabalho Decente).

SANTOS, Jose Vicente dos. Microfísica da violência, uma questão social mundial. In: *Ciência e Cultura (on line)*. São Paulo, 2002. V. 54, n.1, p.22-24, Jun-Set 2002. Disponível em:<<http://www.cienciaecultura.bvs.br/scielo>>. Acesso em: 28 de fev. 2012.

SKABA, Márcia Marília Vargas Froes. *O vício da adrenalina: etnografia da violência num hospital de emergência*. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública-Fundação Oswaldo Cruz. 1997. [dissertação de mestrado].